

OLHARES E PERSPECTIVAS JUVENIS: A DIFUSÃO DAS VIOLÊNCIAS PELA MÍDIA DO PIAUÍ

**Maria do Carmo Alves do Bomfim
Edmara de Castro Pinto
Claudilene Santos de Lima**

Resumo

Neste trabalho apresentamos pesquisa desenvolvida de agosto de 2007 a julho de 2008, junto a jovens estudantes do ensino profissionalizante do PREMEN-Norte e da Escola de Nível Médio Liceu Piauiense. Objetivou compreender as representações sociais de jovens, sobre a difusão das violências pela mídia do Piauí. Especificamente pretendeu colher sugestões dos jovens pesquisados sobre as formas crítica e conscientizadora de difusão das violências por parte da família, da escola das instituições públicas e privadas, e, ainda pela própria mídia (falada, escrita e televisionada). Essa pesquisa foi subsidiada pelos estudos de Abramovay (2002), Melucci (1997), Dubet (1994), Dayrell (2005), Feilitzen (2002) Kunsch (2002), Guimarães (2008), dentre outros que estudam essa temática. Como pesquisa qualitativa, utilizamos contatos pessoais e entrevistas semi-estruturadas e questionários, possibilitando conhecer as representações sociais dos jovens sobre a difusão da mídia do Piauí e sua relação com a família, mídia, violências, consumo e educação. Constatamos que a mídia possui grande influência na formação de opinião, comportamentos e valores, inclusive nos jovens, que muitos deles integram um segmento considerado vulnerável. As juventudes mostradas na mídia, em sua maioria, são violentas e fragmentadas, são vistas na sua negatividade, por outro lado, a própria mídia estabelece modelos de ser jovens, influenciando decisivamente no comportamento dos jovens. Os jovens, principalmente, de camadas populares enfrentam condições de miséria e de desamparo das autoridades governamentais. A juventude em suas múltiplas faces, carecem de políticas públicas voltadas para ela, e atenção da parte dos adultos, necessitam de serem vistos e serem tratados como “gente”, como jovem de modo particular, não somente como uma fase transitória para a vida adulta cheia de realizações.

Palavras-chave: Juventudes; Mídia; Violências.

ABSTRACT

This work presents research undertaken from August 2007 to July 2008, with young students in vocational-PREMEN of North and Middle School Level Liceu Piauí. Aimed to understand the social representations of young people about the spread of violence by the media of Piauí. Specifically intended to gather suggestions from young people surveyed on how critical and aware of the violence spread by the family, the school of public and private institutions, and also by the media (spoken, written and televised). This research was subsidized by the studies of Abramovay (2002), Melucci (1997), Dubet (1994), Dayrell (2005), Feilitzen (2002)

Kunsch (2002), Guimarães (2008), among others who study this issue. As qualitative research, using personal contacts and semi-structured interviews and questionnaires, which meet the social representations of young people on the spread of media of Piauí and its relationship with the family, media, violence, consumption and education. We note that the media has great influence in shaping public opinion, attitudes and values, even in young people, many of them incorporating a segment considered vulnerable. The youths shown in the media, most of them are violent and fragmented, are seen in their negativity, on the other hand, the media itself down models to be young, decisively influencing the behavior of young people. Young people, especially in popular face conditions of misery and helplessness of the government. The youth in its many faces, require public policies aimed at her, and attention from the adults, need to be seen and are treated as "people", as a young in particular, not only as a transitional phase to adulthood full of achievements.

Keywords: Youth, Media, Violence.

Introdução

Atualmente, ocorre uma explosão de estudos sobre juventudes. Esse fato decorre de primeiramente vivermos em um país jovem e segundo porque nas últimas décadas, os problemas relacionados às juventudes têm crescido assustadoramente em todos os âmbitos: familiar, escolar, trabalhista e individual.

O presente texto busca compreender as relações sociais de jovens (estudantes da escola de ensino profissionalizante PREMEN-Norte e escola de nível médio Liceu Piauiense), sobre a difusão das violências pela mídia no Piauí, mas especificamente, colher sugestões deles (jovens) sobre como deveria ser a difusão das violências pela mídia, por parte da família, da escola, das instituições públicas, privadas e jurídicas, e ainda pela própria mídia. Foi subsidiada pelos estudos de Abramovay (2002), Melucci (1997), Dubet (1994), Dayrell (2005), Feilitzen (2002) Kunsch (2002), Guimarães (2008), dentre outros que estudam sobre juventudes, mídia e violências. Trabalhamos com a pesquisa qualitativa, pois conforme Melucci (2005), associa dados qualitativos (objetivos) e quantitativos (subjetivos), ou seja, os sujeitos pesquisados interagem com as/ os pesquisadoras/es dando sentido para a sua realidade e interferindo ativamente na prática de observação e escuta do/a pesquisador/a. Como recursos metodológicos fizemos contatos pessoais e aplicamos questionários que combinava perguntas abertas e fechadas com os jovens.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa desenvolvida no período de agosto de 2007 a julho de 2008 intitulada: Juventudes, Mídia e Violências, realizada em Teresina-Piauí,

considerando as muitas inquietações em torno das juventudes e as violências veiculadas na mídia.

Reconhecemos a importância de ouvir os jovens, visto que são eles os mais apontados como autores de violências pela mídia, e que essa possui influência poderosa na contemporaneidade. E, ao mesmo tempo, ouvir os jovens se torna útil para compreender como essas informações veiculadas afeta suas vidas.

Juventudes em foco

Podemos perceber as ações juvenis na família, na escola, no bairro e na mídia. Os jovens estão sendo notados, não só como pertencentes a uma faixa etária, mais que isso, como sujeitos que constroem de modo diferenciado sua própria história, com seu próprio modo de pensar, agir, vestir, deixar transparecer suas angústias, perspectivas, medos, desejos, anseios. Falamos então, não mais em juventude, mas juventudes, pois os jovens constituem um segmento heterogêneo. Cada jovem é diferente um do outro, portanto precisam ser vistos e tratados em sua heterogeneidade, como sujeitos sociais que constroem um determinado modo de ser jovem e que devem ser considerados de modo específico.

Uma problemática que permeia nosso cotidiano são as múltiplas visões enraizadas da sociedade sobre as juventudes, cristalizando a idéia de que a juventude é um momento passageiro, apenas de transição para a vida adulta, que logo passará. Que ser jovem é ser irresponsável, é uma busca desesperada de prazeres a qualquer custo, tempo de liberdade em que fazem o que querem. Juntam-se a isso as informações veiculadas pela mídia (escrita ou televisionada) de que os jovens são altamente violentos, os principais autores dos diversos tipos de violências (moral, sexual, simbólica, física, etc..).

Desse modo, muitas vezes os jovens são vistos sem perspectiva, são focalizados em suas ações negativas, e muitas vezes suas ações positivas são até mesmo esquecidas pelos adultos. Os adultos notam o jovem em uma perspectiva futura. “O que ele será quando for adulto? Espero que essa fase já passe”. Comentários como esses são presentes em nossa sociedade que vê o jovem como problema e uma solução para o futuro, ou seja, conforme Dayrell (2005) um “vir a ser”.

Contraditoriamente, a juventude, ao longo do tempo, foi desejada e em nossos dias ela continua sendo cobiçada, cultuada, ou seja, a sociedade quer ser jovem. Mas o rótulo de que

os jovens são violentos e cheio de conflitos consigo mesmo e com os outros têm permanecido ao longo das eras.

A mídia torna-se indispensável nos dias de hoje, não podemos negar sua importância na nossa vida social e também psicológica das pessoas, pois ela faz parte do progresso e da globalização que são sinais de desenvolvimento. Contraditoriamente ela têm, infelizmente, contribuído em muito para a cristalização de rótulos e estereótipos acerca dos jovens, sempre focalizando-os relacionando-os a problemas sociais, inclusive às violências.

Juventudes e violências

Muitas pesquisas estão sendo realizadas sobre um fenômeno complexo na contemporaneidade que são as violências, tendo como consequência uma preocupação demasiada em estudar esse fenômeno que, há muito, faz parte do nosso cotidiano, os estudos são voltados para a identificação das manifestações violentas e a busca de alternativas inovadoras para o combate das mesmas.

Segundo Alba Zaluar, (2004, p.228-229)

Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física, ou recursos do corpo para exercer a sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim carga negativa ou maléfica. Portanto, é a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado) que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente.

Abramovay (2006, p.15) acrescenta:

Nem sempre a violência se fundamenta em crimes e delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e almas na forma de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e é neste momento que nos violentamos, alterando gostos, hábitos e prazeres, práticas culturais, nos disciplinando por medos. A violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções e não se dá somente em atos e práticas materiais.

As práticas de violências na atualidade estão passando por um processo de banalização, e se entrelaçam, (física, simbólica, sexual, moral, estrutural), ou seja, a violência se pluraliza. Nós mesmos somos vitimados pelo medo e insegurança, vivendo em situações de desespero em relação às violências, passando a ser controlados pelo medo, visto que as elas atingem todas as pessoas, independente de classe social, sexo e etnia. Todas as pessoas não

são mais meros espectadores de violências provocadas em outros, mas todos nós estamos sujeitos a ser vítimas e autores de violências, por isso o medo é tão marcante na atualidade.

Uma das maiores negatividades relacionadas às juventudes e divulgada na mídia do Piauí e por todo o país - a violência - existem diversos tipos que podem ser abordadas sob diferentes critérios e perspectivas, portanto, chamamos de violências. A violência está presente na história da humanidade, contudo têm se intensificado assustadoramente na contemporaneidade causando medo, insegurança e pânico. O que vemos nos noticiários e lemos nos jornais choca a sociedade, apesar de que notícias violentas são comuns em nosso cotidiano. As violências podem ser consideradas com intensidades diferente dependendo da época e da cultura da sociedade, ou seja, conforme Abramovay (2006) “as representações e o sentimento em relação às violências variam”.

Atualmente, em todos os ambientes existem incivildades e violências. Nos últimos anos as escolas têm sido abaladas com atos violentos, as famílias são divididas devido a atos violentos, as ruas não possuem segurança para andarmos livremente, problemas sociais tais como a miséria e a pobreza contribuem em muito para a ocorrência de atos de violências, policiais são acusados de agir com extrema violência com inocentes etc.. Enfim, são nesses ambientes que a maioria dos jovens vivem, é o que eles vêem todos os dias, eles são também vítimas das violências!

A mídia contribui significativamente para a difusão das violências, e a visão por ela veiculada sobre os jovens interfere na imagem produzida pela sociedade sobre eles. As informações veiculadas provocam pânico e terror, quando mostram os jovens relacionados a muitos atos de incivildades e violências. Muitas vezes a mídia serve como “escola” para atos de agressividade.

Devido às pessoas serem bombardeadas com tantas notícias de violências divulgadas pela mídia ou de outros modos e por pensarem que não podem resolver essa situação, se acostumam a conviver com elas. Para Abramovay (2006, p.15):

Essas relativizações são particularmente importantes quando se discute sobre a temática, pois, muitas vezes, esta não surge em nossas vidas como uma agressão real, mas sim como uma espécie de fantasma que nos ameaça todo o tempo e em qualquer lugar. Em outras palavras, nem sempre a violência se fundamenta em crimes e em delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e alma na forma de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e é neste momento que nos violentamos, alterando gostos, hábitos e prazeres culturais, nos disciplinado

por medos. A violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções, e não se dá somente em atos e práticas materiais.

As violências praticadas pelos jovens, muitas vezes decorrem da insatisfação em relação aos adultos como forma de chamar atenção para serem ouvidos, tratados como “gente” e não como são tratados pela escola e pelos órgãos governamentais. Com isso, eles muitas vezes se rebelam através de pichações, roubos, agrupamentos juvenis agressivos, violentos como as gangues, como possibilidade de serem visto como sujeitos de direitos e deveres e vêem na violência o modo de serem vistos pela sociedade.

Se ouvirmos os jovens, compreenderemos o que significa ser jovem na sociedade atual, como sujeitos históricos em sua plenitude, as crises e os conflitos que enfrentam, e porque as violências são tão presentes em sua história.

Conhecendo os sujeitos pesquisados, e suas relações com a família, mídia, violências e educação.

Nessa pesquisa foram abordados 463 jovens estudantes de duas escolas públicas de Teresina, 73 jovens da escola de ensino profissionalizante PREMEN-Norte e 389 jovens da escola de nível médio Liceu Piauiense. A maioria dos jovens pesquisados concluíram o ensino fundamental em escola pública.

Situam-se na faixa etária entre 14 e 22 anos, residindo em diversos bairros de Teresina-Piauí. Dos 463 jovens pesquisados, 263 são do sexo feminino e 200 do sexo masculino. Pertencem à camada menos privilegiada da sociedade, integram famílias com renda que varia de 01 a 02 salários mínimos .

As entrevistas que realizamos com esses jovens possibilitou colher opiniões sobre a forma de difusão das violências pela mídia no Piauí, o conceito de jovem e suas relações com a família, a mídia, o consumo, o lazer e a educação.

Há quem afirme que os jovens são irresponsáveis e que não pensam no futuro como deveriam, ou seja, de modo adulto. Porém, essas falas revelam que os jovens estão preocupados com o futuro, e ainda mais, no período da juventude se esforçam nos estudos e em outros campos da vida, vivem o presente pensando no futuro, quando serão pessoas

adultas. Quanto à diversão e o lazer que marcam não só a juventude como outros segmentos, afirmam que esses, fazem parte de suas vidas, contudo com responsabilidade.

Apesar das pressões que os jovens enfrentam, como por exemplo, para estudarem, trabalharem, consumirem uma determinada marca de roupas ou sapatos, ou para serem aceitos em um determinado grupo a fim de superarem preconceitos em relação a cor e sexo, dentre outros, eles têm se esforçado para serem como pessoas ativas na sociedade, driblando as situações de vulnerabilidades que permeiam seu cotidiano.

Alguns participam dos grêmios estudantis como possibilidade de serem ouvidos pelos outros atores da escola e da sociedade, conforme afirma um jovem que se define como “lutador pelas causas estudantis e aplicado na escola”. Sabemos que os jovens que se envolvem com atividades como grêmios, movimentos alternativos e gangues, muitas vezes não são ouvidos pelos adultos de outro modo. É de conhecimento de todos que existem deficiência nas políticas públicas para a juventude.

Os jovens se posicionam quando o assunto é a influência da mídia no comportamento dos jovens, admitem essa influência e afirmam que o que os meios de comunicação de massa mostram, os jovens querem fazer do mesmo modo, sob pena de serem excluídos por um grupo. A influência poderosa da mídia para consumir tantos bens materiais quanto imateriais é muito grande, porém muitos jovens se vêem sem condições financeiras para comprar e isso traz revolta. Muitos jovens se rebelam de modo negativo, através do roubo e de outras delinqüências. E esses atos violentos mudam a vida dos jovens, muitos negam suas identidades e aderem o modo de agir, pensar, falar de personagens expostos de forma depreciativa pela mídia.

Os jovens têm sido relacionados pela mídia a atos de violência e muitos estudos mostram que os meios de comunicação de massa têm influenciado nas suas atitudes e nos seus comportamentos por meio do consumismo, das drogas, das bebidas e, principalmente, pela intensidade e dramaticidade difundida chegam a praticar atos violentos. A mídia, como principal veículo de informações se torna também formadora de opiniões, e considerando que os jovens passam mais tempo, diariamente, na frente da TV ou na internet do que fazendo lição de casa, lendo ou executando outra atividade de formação orientada pela escola ou pela sua família, isso acaba por torná-los na sua maioria escravos dos meios de comunicação e na maioria, alienados. Confirmando isso Feilitzen (2002, p.439) afirma que “Em alguns casos extremos, elas e eles passam mais tempo na frente da televisão do que na escola”.

É possível ressaltar os tipos de programas que os jovens escutam no rádio, vêem na TV e navegam na Internet, pois, de acordo com a especificidade dos programas as suas subjetividades vão se formando por fortes influências da Mídia. No caso dos jovens pesquisados assistem noticiários por considerá-los mais apropriados para as suas necessidades e expectativas.

O fato é que as violências realmente integram o cotidiano dos jovens seja na família, no bairro, na escola, no trabalho, em seus diversos tipos e intensidades porque são mostrados na mídia como os mais envolvidos em práticas da violência.

A opinião dos jovens pesquisados reforça a idéia de que a Mídia influencia o consumo (bens materiais: roupas, sapatos, relógios, MP3, MP4...) e imateriais (idéias e desejos); mostra para a sociedade que ser jovem também é uma busca de prazeres, pois vivemos “em uma sociedade hedonística, que privilegia aparências e equaciona beleza com juventude ou um tipo de juventude” (ABRAMOVAY, 2005). Cria expectativas nos jovens e os impulsionam a lutar pelos seus desejos, e esses querem fazer do mesmo modo, seguir o modelo de ser jovem estabelecido pela Mídia sob pena de serem excluídos socialmente se o modelo estabelecido por ela não for aderido.

Considerações Finais

O desenvolvimento dessa pesquisa possibilitou desmistificar visões enraizadas na sociedade em relação ao conceito de juventude. Ao mesmo tempo, concedeu às pesquisadoras contatos com jovens de escolas públicas de Teresina e a oportunidade de ouvir o que os jovens estudantes das escolas pesquisadas opinam sobre a difusão de violências pela mídia, pois, muitas vezes, não possuem a chance de expressar suas opiniões sobre esse assunto e outros.

Embora os jovens, na maioria das vezes, sejam vistos na sua negatividade pela mídia como irresponsáveis, rebeldes, sem expectativas, eles expressam de modo significativo que querem ser ativos na sociedade de modo positivo, para isso a sociedade precisa ouvi-los mais como jovens, valorizando suas ações, despertando neles o sentimento de pertencimento, buscando conhecer saber quais são suas expectativas, seus anseios, seus desejos para o presente, enquanto jovens, e para o futuro, como adultos.

Segundo Matos (2003,p.23), as potencialidades dos jovens precisam ser mostradas, ou seja, ver os jovens com um olhar positivo. Macêdo (2007, p.22), por sua vez, afirma:

[...] e revelando-os como aqueles que trabalham, estudam e participam de grupos sociais, afirma que analisá-los sob esta perspectiva veiculadas pelo meio de comunicação que, por um lado, os relacionam à violência, ao perigo social iminente, ao espetáculo, ou, por outro, à apatia, à inércia, à inatividade política, á imaturidade. Vertente que desqualifica e nega a dimensão dos jovens como sujeitos históricos e socialmente construídos, capazes de transformarem o contexto onde vivem.

De acordo com Matos (2006, p.25): “As experiências positivas com jovens e escolas devem ser mais divulgadas pelos meios de comunicação. É importante apresentar à sociedade imagens menos agressivas de juventudes e desses espaços”. A mídia deveria mostrar menos cenas agressivas, independente que envolvam crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos.

A família como principal ponto de referência dos jovens, juntamente com a escola, podem se unir para formar jovens mais conscientes sobre o seu papel na sociedade, proporcionando-os a oportunidade de serem protagonistas de ações positivas voltadas para a não violência.

Interessante, também, seria se houvesse uma educação para a mídia, em que os jovens criticamente se direcionassem para programas informativos e educativos, pois isso seria um modo de incluí-los e mobilizá-los com discernimento em relação às violências e às práticas sócio-educativas para o enfrentamento delas.

Portanto, os jovens como sujeitos sociais, protagonistas de suas próprias histórias, se posicionaram sobre a difusão das violências pela mídia. Constatamos, ainda, que a mídia influencia diretamente no comportamento dos jovens e contribuem para o alastramento da violência.

Essa pesquisa tem contribuído para orientar e criar relações referentes a que os jovens podem conquistar em termos de espaços em suas respectivas famílias, nas escolas onde estudam e em outros ambientes que frequentam como na imprensa, para discutir suas opiniões sobre as formas de difusão da violência por esses meios de comunicação de massa.

Os jovens pesquisados podem ser multiplicadores de debates sobre juventudes, mídia e violências e buscar profissionais tais como pedagogos, professores, advogados, para expandir as discussões sobre esse tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary G. **Caleidoscópio das Violências nas Escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ABRAMO, Helena W; FREITAS, Maria V. de; SPOSITO, Marília P. **Juventude em Debate**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. **Juventudes, Cultura de paz e violências nas Escolas**. Fortaleza: Editora da UFC, 2006.
- DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: O rap e funk na socialização da Juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- FEILITZEN, Cecília Von CARLSSON, Ulla (Orgs.) **A Criança e a Mídia: Imagem, Educação, Participação**. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2002.
- GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin. **Estudos sobre jovens e processos educativos na contemporaneidade**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais –juventude e contemporaneidade. São Paulo: ANPED [Revista Brasileira de Educação, número especial, 5-6]
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. São Paulo. ANPED:Ação Educativa. **Revista Brasileira de Educação**, n 5, n 6, 1997.
- ZALUAR, Alba M. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004